

VIVÊNCIAS DE MULHERES QUE SE TORNAM MÃES NO CONTEXTO ACADÊMICO¹

EXPERIENCES OF WOMEN WHO BECOME MOTHERS IN THE ACADEMIC CONTEXT

**Jaqueline Maciel Toniolo da Rosa², Claudia Zamberlan³, Karine Cáceres Machado³,
Viviane Flain⁴ e Claudia Maria Gabert Diaz⁵**

RESUMO

Objetivou-se refletir sobre as vivências de mulheres que se tornam mães no contexto acadêmico. Estudo teórico-reflexivo, construído com base na leitura crítica. Incluiu, primeiramente, o levantamento bibliográfico, por meio do qual se realizou uma pesquisa exploratória de documentos em formato eletrônico presentes em artigos científicos, livros, teses e dissertações encontradas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Eletronic Library Online (Scielo), na base de dados Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Foram incluídos artigos completos disponíveis *on line*, acerca da temática relacionada aos desafios da conciliação da vida acadêmica e a maternidade. Utilizou-se os descritores em ciências da saúde: “maternidade”, “vida acadêmica” and “trabalho”, na língua portuguesa. As palavras-chaves utilizadas foram: “maternidade” and “vida acadêmica” and “trabalho”, na língua portuguesa. Foi delimitado um recorte temporal para a busca com a utilização de artigos publicados nos últimos dez anos, visando selecionar um contingente maior de estudos devido ao número reduzido de publicações mais recentes. Foram utilizadas para discussões outras fontes de informação, como livros, manuais, leis federais, teses e dissertações. Os estudos apontam para a possibilidade do empoderamento da mulher frente à maternidade em conciliação com a vida acadêmica, bem como a proposta de inserção de práticas que facilitem este cotidiano dicotômico atual. Conclui-se a necessidade de discutir acerca dessa realidade de ser mãe no contexto acadêmico, bem como a preocupação com as tentativas de facilitar esta experiência a partir de políticas públicas e institucionais.

Palavra-chave: maternidade, trabalho, vida acadêmica.

ABSTRACT

The objective is to reflect on the experiences of women who become mothers in the academic context. It is a theoretical-reflexive study, based on critical reading. It includes, firstly, a bibliographic survey, through which an exploratory research of documents in electronic format was carried out in scientific articles, books, thesis and dissertations found in the Virtual Health Library (VHL), Eletronic Library Online (Scielo), and Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (Lilacs) databases. We included comprehensive articles available online on the issues related to the challenges of reconciling academic life and motherhood. For the descriptors in health sciences it was used: “maternity”, “academic life” and “work”, in the Portuguese language. The keywords used were: “maternity” and “academic life” and “work”, in the Portuguese language.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Enfermagem - Centro Universitário Franciscano. E-mail: jaqueline.toniolo@hotmail.com

³ Colaboradoras. Docentes do curso de Enfermagem - Centro Universitário Franciscano. E-mail: claudiaz@unifra.br; karinecaceresmachado@gmail.com

⁴ Colaboradora. Enfermeira Obstetra. Aluna do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - Centro Universitário Franciscano. E-mail: vivianeflain@gmail.com

⁵ Orientadora. Docente do curso de Enfermagem - Centro Universitário Franciscano. E-mail: cmgdiaz@bol.com.br

A temporal cut was defined for the search using articles published in the last ten years, in order to select a larger number of studies due to the reduced number of more recent publications. Other sources of information, such as books, manuals, federal laws, thesis and dissertations, were used for discussion. The studies point out to the possibility of the empowerment of women regarding motherhood in conciliation with their academic life, as well as the proposal for the insertion of practices that facilitate this current dichotomous routine. It concludes the need to discuss about this reality of being a mother in the academic context, as well as the concern with the attempts to facilitate this experience from public and institutional policies.

Keywords: *maternity, work, academic life.*

INTRODUÇÃO

Ser mulher é uma construção social que se estabelece nas relações com o outro, nas experiências e vivências ao longo dos processos de vida (BEAUVOIR, 1980). Há décadas as mulheres conquistam espaços e buscam conhecimento científico de excelência, para ascender no mercado de trabalho e carreiras profissionais. Desta maneira, recorrem à vida acadêmica, o que corresponde a um número superior no espaço acadêmico em relação aos homens, realidade em que o contingente feminino é maioria entre os formados mais jovens (GUEDES, 2008).

Porém, quando a mulher engravida durante o período universitário, são geradas também perspectivas e desafios a serem enfrentados (GUEDES, 2008; SOARES et al., 2013). Isso ocorre porque a maternidade não se resume somente a uma gestação. Ser mãe vai muito além disso, pois os afetos ambivalentes marcam a relação entre os pais e o bebê (ZORNIG, 2010).

Os estudos acerca do contexto da maternidade e vida acadêmica indicam desvantagens para as mulheres, uma vez que recai sobre elas, as responsabilidades dos cuidados parentais na nossa cultura (URPIA, 2009). No entanto, necessitam ser reconhecidas socialmente, sendo mulher-mãe-acadêmica e lutam para atingir seus projetos de vida, que vai além dos filhos (CANGIANI; MONTES, 2010).

O direito à educação é um direito social fundamental, que deve ser garantido a todos, abrange não somente o acesso, mas também a permanência do educando nas instituições de ensino, conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988), no seu art. 206, o qual afirma que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Mesmo assim, por ser um fenômeno marcante, a gravidez tem sido responsável por grande parte da evasão escolar.

O abandono do estudo, geralmente ocorre por acreditarem que podem adiar essa conquista em prol da maternidade. Outras, entretanto, conciliam e sentem algumas dificuldades em desempenhar mais de uma função (SOARES et al., 2013). A rede de apoio para o retorno às aulas, as repercussões do afastamento prolongado de seus bebês, o esforço para manter a amamentação, a estrutura e flexibilidade institucional da academia e outros obstáculos são encontrados pela mulher para a continuidade dos estudos. O conhecimento científico e a ciência da realidade social devem gerar discussões acerca de ser mulher-mãe-acadêmica e, sobretudo, subsidiar novos estudos.

Refletir e repensar sobre estas questões que envolvem o ser mãe e estudante, bem como as formas de enfrentamento no contexto universitário, são importantes no processo de formação, principalmente na enfermagem, quando se trabalha com o cuidado humano. Assim, justifica-se o interesse em pesquisar sobre o tema, inicialmente por motivos pessoais vivenciados e fortalecida diante da necessidade de aprofundar o conhecimento científico acerca da temática.

Neste contexto, questiona-se: qual a vivência de mulheres que se tornam mães no meio acadêmico? Como foram suas escolhas e as dificuldades enfrentadas nesse período? Vale refletir e discutir sobre tais questões em busca de mudanças neste cenário?

Com o propósito de responder aos questionamentos, este estudo objetivou refletir sobre as vivências de mulheres que se tornam mães no contexto acadêmico.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, construído com base na leitura crítica da produção científica nacional, que referenciam as dificuldades encontradas por mulheres em conciliar a vida acadêmica e a maternidade, bem como a necessidade eminente de alternativas que proporcionem condições de acesso e também de permanência dessas mulheres na universidade. O pensamento reflexivo tem um papel instrumental, causando o confronto de circunstâncias problemáticas. Em situações que envolvam uma dificuldade ou perplexidade, pode-se contorná-la ou enfrentá-la e, assim, começa-se a pensar e refletir (DORIGNON; ROMANOWSKI, 2008). Seguiu-se a linha de pesquisa: “Educação, Sociedade e Integralidade na Saúde”, eixo temático “Integralidade das Ações de Saúde” do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde - GIPES, do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria - RS.

Essa construção teórica aproxima-se da abordagem qualitativa, tendo em vista a interpretação e análise dos elementos obtidos por meio do levantamento bibliográfico realizado. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010).

A elaboração deste estudo de reflexão ocorreu a partir da revisão de literatura, cujo processo consiste em uma forma de coletar informações sobre questões específicas, com o intuito de avaliar e levar demandas a respeito do tema. Incluiu, primeiramente, o levantamento bibliográfico, por meio do qual se realizou uma pesquisa exploratória de documentos em formato eletrônico onde selecionou-se os artigos científicos, livros, teses e dissertações encontradas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Eletronic Library Online (SciELO), na base de dados Literatura Latino-americana

e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). As palavras-chave utilizadas foram: “maternidade” *and* “vida acadêmica” *and* “trabalho”, na língua portuguesa. Como critérios de inclusão foram os artigos em português, com disponibilidade de texto completo em suporte eletrônico e, como critérios de exclusão: anais de congresso ou conferência, relatórios técnicos e científicos. Foi delimitado um recorte temporal para a busca com a utilização de artigos publicados nos últimos dez anos, visando selecionar um contingente maior de estudos devido ao número reduzido de publicações mais recentes. Foram utilizadas nas discussões dos resultados outras fontes de informação, como livros, manuais, leis federais, teses e dissertações.

Primeiramente, na coleta de dados realizada no período de março a maio de 2017, foram identificadas as produções científicas, com posterior leitura integral de três artigos, possibilitando a análise crítica e reflexiva sobre os achados e de trechos significativos. Para a discussão dos resultados incluiu-se um livro, uma dissertação de mestrado, uma lei federal e um documento ministerial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo 1 menciona que a evolução do ser-mãe e ser-mulher na sociedade permite perceber e constatar que as funções e valorizações dadas às atividades das mulheres, em certo período, são produtos de um tempo e de uma localização histórica. Assim, o poder feminino e o materno fazem parte também de uma conquista social das mulheres em seu caminho percorrido historicamente (EMIDIO; HASHIMOTO, 2008). É quase inaceitável que a maternidade potencialize preconceitos já existentes na vida da mulher. A maternidade, na grande maioria das vezes, é uma experiência agradável, mas nos tempos atuais acaba por trazer dúvidas e receios, e muitos julgamentos por parte da sociedade.

Já o artigo 2 discorre sobre com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e à esfera profissional na busca por uma identidade, bem como grande parte do prestígio que está condicionado ao seu bom desempenho na vida acadêmica, configuram a feminilização da universidade (GUEDES, 2008).

Considerando que o ensino superior está presente no Brasil desde 1808, com a vinda da família real, mas somente com o Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, conhecido como Reforma Leôncio de Carvalho, a mulher passou a ter esse direito. Assim, a primeira mulher brasileira a possuir um diploma de ensino superior foi Maria Augusta Generoso Estrela, que se graduou em Medicina no ano de 1882, porém nos Estados Unidos, não no Brasil. Desta forma, em 1887, Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954) se torna a primeira mulher a se graduar no País na Faculdade de Medicina da Bahia, embora tenha iniciado seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e depois, por motivos familiares, se transferindo-se para a faculdade em que se formou (MORAES, 2003).

As jovens que se tornam mães no decorrer da formação superior vivenciam seus primeiros embates antes mesmo de parir, e isso precisa ser considerado pela universidade, prevendo políticas de

assistência ao estudante em suas diferentes situações, como por exemplo, a creche universitária (URPIA, 2009). Cada uma dessas mães traz consigo e para o espaço acadêmico expectativas, inseguranças e contribuições que precisam ser ouvidas para que as políticas planejadas para as universidades contemplem a diversidade que ela abriga, sem calar discursos, saberes e histórias (SAMPAIO, 2008).

A Lei n.º 6.202/75 garante às estudantes grávidas, a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a assistência pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969 (BRASIL, 1975).

A interrupção mesmo que por um curto período de tempo, significa uma desaceleração das atividades e o retorno na grande maioria das vezes se dá com um pouco de dificuldade (AQUINO, 2006). Esse tempo não é suficiente, pois apenas noventa dias não são suficientes para que a mãe e o bebê fortaleçam os seus laços afetivos, consigam de fato efetivar a amamentação e todos os cuidados que envolvem esse período.

A ausência por longos períodos de seu filho, dificulta a escolha da mulher em se graduar ou ser mãe. Considera-se urgente a necessidade de que se efetivem políticas públicas na prática, com a criação das creches universitárias como uma rede de apoio, além da rede familiar. Essa estratégia oferece a possibilidade de permanência e de conclusão da graduação a essa mulher, oportunizando que ela experimente a maternidade da melhor forma possível e sem culpa.

Questiona-se o porquê do desconforto social de trazer para o espaço público e acadêmico, a condição humana de cuidar de pequenas vidas? Será que ocorre desrespeito à ordem pública ocasionadas pelo choro de bebês? As pessoas nas instituições, em geral, devem repensar e incluir espaços para as mães e crianças nas feiras e convenções; eventos; áreas comuns de convivência em condomínios; restaurantes; locais de hospedagem, além dos ambientes acadêmicos. Esse comportamento de exclusão é bastante comum, mas deve ser refletido no contexto universitário.

No artigo 3 afirma-se que essa situação faz com que as mulheres vivenciem vários sentimentos, como ansiedade, medo, angústia, além de conciliar os desafios da vida acadêmica com a criação do filho. As próprias modificações fisiológicas que acometem a mulher em estado gravídico-puerperal podem interferir no ensino, como a sonolência e os enjoos. Ser mãe, estudante e ainda trabalhar é um desafio na vida da mulher contemporânea que decide assumir mais de uma função (SOARES et al., 2013).

Dessa forma, é relevante a ajuda de outras pessoas, para poder cumprir as responsabilidades exigidas. É fundamental o apoio da figura paterna, para que assim, ambos desenvolvam laços afetivos com os filhos, no qual os cuidados sejam divididos entre o pai e a mãe, para o descanso necessário e o bem-estar de todos (SOARES et al., 2013). A família, a creche e também a rede de sociabilidade são importantes recursos mobilizados pelas estudantes, mas não devem ser os únicos, pois além de mães, são também universitárias (URPIA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta reflexão foi possível vislumbrar o quão importante é o acolhimento institucional. A vivência de ser mãe no contexto acadêmico, bem como a preocupação em relação às tentativas de facilitar esta experiência com políticas públicas e institucionais, dentre elas, a escola maternal como uma proposta empreendedora.

Excluir uma criança do meio acadêmico é excluir a mãe! Assim, os cursos de turno integral tornam essa tarefa muito difícil. Essa situação torna-se um desafio maior quando a mãe não tem com quem deixar seu filho, pois nem sempre existem escolas municipais. As escolas maternas da rede privada cobram altos valores, por terem esse diferencial, ultrapassando muitas vezes o orçamento da família, pois as responsabilidades acadêmicas em relação a livros, congressos, palestras e demais atividades acadêmicas já são onerosas.

Considera-se importante a adequação dos currículos acadêmicos, com ênfase às questões ligadas a maternidade, de maneira a qualificar a formação profissional, sem prejuízo de gênero. Portanto, as instituições formadoras devem estar preparadas para atender esta demanda crescente em nossa sociedade, ao considerar que a mulher ocupa espaços nos ambientes universitários, agregando a vivência da maternidade e o cuidado humanizado no contexto acadêmico.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Encontro nacional pensando gênero e ciência: núcleos e grupos de pesquisas**. Brasília, 2006. p. 11-18.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Lei n. 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo decreto-lei n. 1.044, de 21/10/1969, e dá outras providências. D.O.U., Brasília, 17 abr. 1975.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CANGIANI, M. R.; MONTES, J. R. Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. **Invest Educ Enferm**, v. 28, n. 2, p. 176-186, 2010.

DORIGON, T. C.; ROMANOWSKI, J. P. A reflexão em Dewey e Schön. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 8-22, 2008.

EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 5, n. 2, p. 27-36, 2008.

GUEDES, M. de C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 117-132, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2MWVSBB>>. Acesso em: 05 maio 2016.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha.

MORAES, M. L. Q. “Cidadania no feminino”. In: PINSKY, J.; PINSK, C. B. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

SAMPAIO, S. M. R. Observatório da vida estudantil: histórias de vida e formação na educação superior. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 2008, Natal. **Anais**. CDROM.

SOARES, M. C. da S. et al. Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 11, n. 1, p. 145-155, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2PNzNE9>>. Acesso em: 23 maio 2016.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

ZORNIG, S. M. A-J. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010.

